



CINEMA

LITERATURA

MUSICA

TELEVISAO

PENSAMENTOS

FALE CONOSCO

PIPOQUEIROS

Ok



CINEMA

Salada mista pop e pós-moderna

Por: [Fábio Freire](#)



Existem duas maneiras de se assistir a *Kill Bill - Vol. 1*, o tão esperado quarto trabalho do "cineasta mais pop de todos os tempos", **Quentin Tarantino**. A primeira é de um modo meio nerd de ser, prestando atenção às várias citações que o diretor faz questão de espalhar pela produção: trilha sonora do seriado tal, figurino do filme tal do Bruce Lee, a participação de ator tal de alguma produção tal qualquer. Enfim, um verdadeiro deleite para os nerds de plantão que querem esguichar conhecimento por todos os poros. A segunda, e que, provavelmente, o grande público irá se submeter, é a de um espectador que quer apenas se divertir, pouco se importando se a calcinha da personagem de **Uma Thurman**, "A Noiva", é a mesma que personagem fulana de tal usou em algum filme obscuro qualquer.

Partindo desse princípio, lógico que a primeira parte de *Kill Bill* também pode ser analisada sob dois pontos de vista. Sob o foco de quem quer ver o filme atrás das referências, *Kill Bill* é uma obra-prima. Quentin Tarantino prova ser o rei dos nerds, um verdadeiro deus a ser cultuado. Seu tão aguardado quarto filme, que passou meses na geladeira da distribuidora brasileira Lumière, é um verdadeiro recheio de referências, pontuado por uma trilha sonora bacana, narrativa estilizada e picotada e uma estética que lembra e muito aqueles filmes podreiras que produzem a granel lá na China, Hong Kong ou qualquer outro lugar onde as pessoas têm os olhos puxados. É visível que os atores estão se divertindo pacas e que o diretor está quase prestes a gozar diante de sua obra, tamanha nerdice.

Algumas sacadas de Tarantino são realmente geniais. Desde a escolha do elenco, cercado de gente bacana como a eterna sereia Daryl Hannah, a pantera Lucy Liu e a própria "A Noiva" (Uma Thurman no limite da canastrice total), passando pela decisão acertada de contar



ATUALIZAÇÕES

01/05 Essa festa é para quem mesmo?! [*White Frogs x Pinboys - A-Side*]

01/05 Palavras borradas [*Sylvia - Paixão Além de Palavras*]

30/04 Soybonilla [*Entrevista com a banda Soybonilla*]

25/04 Dentes pontiagudos e bichos peludos [*Underworld*]

23/04 Fogo ou faísca? [*Mar de Fogo*]

DO MESMO AUTOR

Mundo cão [*Dogville*]

LEIA TAMBÉM

21/12/2003 Lá e de volta outra vez [*O Senhor dos Anéis - Versões Estendidas*]

14/12/2003 O quarto de Tarantino [*Kill Bill*]

02/01/2004 De Volta à Terra-Média - O antes e o depois do fim da saga Senhor dos Anéis

18/10/2003 Bond está de volta...mais impossível que nunca [*007 - Um Novo Dia Para Morrer*]

21/10/2003 O calígrafo de Voltaire [*Pablo de Santis (O Calígrafo de Voltaire)*]

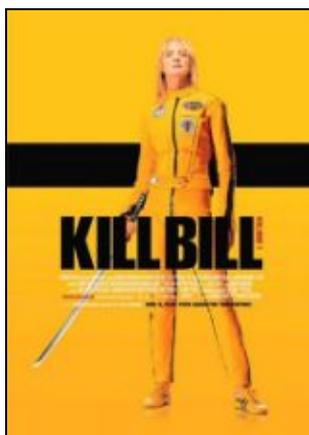
a origem da assassina de codinome "Boca de Algodão" (Liu) em forma de animê. A tão comentada cena de luta entre Uma e os oitenta e oito capangas também merece destaque. Primeiro, por rejeitar efeitos de computação e, depois, por trazer dois momentos de bela plasticidade (na hora em que a tela fica preta e branca e quando as luzes se apagam e só vemos a sombra da "A Noiva" lutando contra os últimos capangas da gangue que ainda restam).



Mas, apesar desses toques de genialidade, Kill Bill está longe de ser um filme genial. E cabe ao público médio constatar isso. Mesmo sendo uma produção tipicamente "tarantinesca", o longa perde pontos ao apostar em uma narrativa não-linear que não acrescenta em nada à história ou ao ritmo do longa. Algumas cenas, inclusive, quebram completamente o ritmo de Kill Bill e poderiam muito bem ter sido enxugadas. Um exemplo é quando Uma, ou "A Noiva", procura um antigo mestre forjador de espadas. O filme perde em clima e acaba beirando a monotonia. Tá certo que, logo em seguida, ele se recupera, mas não deixa de ser uma derrapada. O riso meio involuntário também prejudica um pouco a credibilidade do filme. Algumas coisas soam tão ridículas que chegam a causar certo constrangimento.

E daí que o diretor não se leva à sério? Pode até ser verdade, mas a pretensão de Tarantino não combina muito bem com a idéia de fazer um longa beirando o gore, com sangue jorrando das partes decapitadas como se fosse a lava de um vulcão em erupção. E não venham me dizer que Kill Bill não é pretensioso. Uma obra com quase quatro horas e que teve de ser dividida em duas é pretensiosa por natureza. Para piorar, as participações de Vivica A. Fox e Lucy Liu são pequenas e mal aproveitadas. A luta entre Uma e Liu, que antecede o abrupto final de Kill Bill, chega a ser até decepcionante, sem um pingão de emoção e tensão.

Os diálogos inspirados e bacanas, marca registrada do talentoso diretor, são deixados de lado e fazem falta. Tirando uma frase legal aqui e outra acolá, Kill Bill se mostra uma produção muito mais preocupada com sua estética do que propriamente com seu conteúdo. Tanto que a história (noiva em coma há quatro anos acorda e quer se vingar de seus ex-amigos traidores) não passa de desculpa para o virtuosismo e manobras narrativas de Quentin Tarantino. No começo, a gente até compra a idéia, mas o filme vai se tornando cansativo e passa longe da esperteza de um **Pulp Fiction** ou da elegância de um **Jackie Brown** da vida. Tarantino acaba demonstrando ser um diretor sem muita originalidade. Sua especialidade e talento residem mesmo em picotar uma centena de referências, jogar tudo no liqüidificador e surgir com algo, aparentemente, novo. Uma espécie de salada mista pop para nerds. Mais pós-moderno impossível. E que venha Kill Bill - Vol.2, porque uma coisa não se pode negar, o filme diverte.



27/04/2004

Voltar